

A NOSSA ALEGRIA CHEGOU



ALEXANDRA LUCAS COELHO

# A nossa alegria chegou



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2018 by Alexandra Lucas Coelho

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Bloco Gráfico

*Imagem de capa*

Laguinhos, de Elisa Carareto, óleo sobre papel, 27 x 24 cm

*Revisão*

Marise Leal

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Coelho, Alexandra Lucas

A nossa alegria chegou / Alexandra Lucas Coelho. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2021.

ISBN 978-65-5921-052-7

1. Ficção brasileira. I. Título.

---

21-59096

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B.869.3

Cibele Maria Dias — Bibliotecária — CRB-8/9427

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*Para Maria Teresa Belo  
em memória*



*Com a beleza caminho*  
*Com a beleza atrás de mim caminho*  
*Com a beleza diante de mim caminho*

N.





# Sumário

DOZE, 11

ONZE, 25

DEZ, 39

NOVE, 53

OITO, 65

SETE, 79

SEIS, 93

CINCO, 107

QUATRO, 121

TRÊS, 131

DOIS, 145

UM, 157



DOZE



Alguns mamíferos sabem que vão morrer. Estes três sabem que podem morrer hoje.

— O sol tem cores que nunca ninguém viu — diz Ira.

Atrás dele, Ossi abre os olhos. À frente, Aurora também. De tão colados, a voz vibra nos três.

— Que cores? — pergunta Ossi.

— Cores sem nome, não as conseguimos ver — diz Ira. — Ouvi isto uma vez, lá na cidade.

— Há cores que não conseguimos ver?! — Aurora faz uma pala com a mão.

O sol dá-lhes em cheio. Três corações, seis pulmões, bilhões de nervos numa cama de rede, tórax com tórax, boca com nuca, côncavos, recôncavos, convexos. Jovens como a jovem flor do cacto de Alendabar, a praia onde acordam.

Ossi segura o flanco de Ira, que segura o flanco de Aurora. Ela fecha os olhos, flete o joelho esquerdo. Ira ganha ângulo e entra nela, com Ossi às costas. Primeira vez que acordam juntos, primeiro sexo a três, primeira hora de luz.

Este dia esperou por eles para mudar tudo. Pacto.



Um velho carocha avança na estrada que leva a Alendabar, piso de terra batida, esburacada, assim conservada para afastar estranhos. Toda a região em volta da praia tem um dono chamado Rei. Os seus visitantes chegam de helicóptero, tirando isso é raro um forasteiro vir. Além de má, a estrada termina numa vedação, como nas pequenas praias privadas. Nem pequena nem privada, mas só quem está a par rodeia o arame farpado.

Felix salta do carocha, enfim livre. Ainda não pode guiar e já mal cabe no carro, perna longa, juba dourada: cinge-a no alto da cabeça, distendendo os braços. Ao sol, refulge. Quinze anos! Como aconteceu isto?

Ursula, a mãe, sorri, não sabe. Pediu o carocha a amigos nesta parte do mundo, estaciona-o na última sombra antes da vedação. Da primeira vez que aqui veio, era tudo uma selva sem dono. Foi então que conheceu o futuro pai de Felix e hoje traz as cinzas dele. Morreu a muitos fusos horários daqui, onde mãe e filho moram. Felix nunca esteve nesta parte do mundo. Nunca ouvira sequer o nome Alendabar.

— Parece inventado — disse à mãe quando vinham no carocha, contornando os buracos cheios de chuva, espelhos do céu.

Olho na estrada, Ursula respondeu:

— Todos os nomes são inventados.



Aurora sente o vaivém de Ira até à raiz do cabelo, emissão de nervo em nervo, pélvis, vagina, estômago, faringe, cocuruto. Está quase de barriga para baixo, perna direita esticada, perna esquerda

fletida, joelho no queixo, já meio fora da rede. Quando fecha os olhos, tudo flutua, aéreo. Quando abre, o sol dá na flor do cacto, mais um botão. A palma da mão de Ira cobre-lhe a nádega, e a cada vinda a pélvis dela contrai, a cada ida a pélvis dela expande: bomba de sódio e potássio, impulso elétrico, motriz.

Ao mesmo tempo, Ira sente o vaivém de Ossi até à raiz do cabelo, emissão de nervo em nervo, ânus, próstata, estômago, faringe, cocuruto. De olhos fechados, é atirado às feras. De olhos abertos, é o amante do meio, homem atrás, mulher à frente. Quer cada luz deste dia, cada cor desta hora, o azul na flor do cacto: índigo. Floriu no dia em que ele nasceu, dizia a avó. Mas o cacto tinha milhares de anos já, vira o primeiro homem chegar, ou seria mulher? Passou tanto tempo que os equinócios deram a volta, as estrelas estão de novo onde estavam.

As mãos de Ossi estão nas ancas de Ira, bem mais estreitas do que as suas. Ossi é o mais pesado dos três, Ira o mais leve. Ossi nunca sentiu ancas assim, e entre elas tudo tão justo, músculo dando de si. Não vai abrir os olhos.



A qualquer instante, o Rei espera um convidado do Oriente a quem tenciona vender uma pequena parte dos seus domínios, a única que não lhe dá lucro. Antes de marcar a visita consultou o mapa celeste, como costuma fazer. Ouviu dizer que assim faziam os reis outrora, no Oriente, no Ocidente. O equinócio caía numa sexta-feira, calhava bem. Seria o início da nova estação, antes dita da colheita, agora do abate.

Hoje.



— Por que hoje? — pergunta Felix, a caminho da praia, pulando uma poça. — Era alguma data especial para ti e para o pai?

— Não — diz Ursula, um pouco atrás. — Mas achei que ele gostaria por ser equinócio. Norte e Sul iluminados por igual, o dia com a mesma duração da noite, doze horas de luz... Lembra-te disto?

— Sim, não me lembrava que era hoje. Então começa a Primavera.

— Aqui, o Outono.

— Ah, claro. Estamos ao contrário.

Um pássaro pousa adiante, bica uma gota de chuva. Felix reconhece-o do álbum que tem desde criança: um poupatuti! Não há dúvida, é o único com este arco-íris na cabeça. Vai mandar uma foto ao pai. Mas mal pensa isso dói tanto que o corpo pula sozinho. Pula e pula, a ver se gasta a dor. Parte de Felix continua a pensar como se o pai estivesse vivo. Se calhar há células que se recusam a saber. Algumas células dele não sabem que o pai morreu.

— E por que esta praia? — pergunta, pulando uma última vez. — Prometeste contar quando chegássemos.

— Ainda não chegámos — Ursula para.

Um zumbido de helicóptero enche o ar. Mãe e filho olham para cima, os mesmos olhos amarelos. Olho de bicho, dizia o homem que com eles formava um trio. Antes de ser pai de Felix, antes mesmo de conhecer Ursula, provara cinza humana em Alendabar. Assim se fazia a despedida dos mortos, então. Parte da cinza era misturada com fruta, todos comiam um pouco. Depois caminhavam até à foz para lançar o resto no encontro das águas, doce-salgada.

O futuro pai de Felix contou isso a Ursula nesta praia, no dia seguinte a se conhecerem, e perguntou-lhe se comeria as



cinzas dele. Deu uma gargalhada para não parecer dramático. Detestava parecer dramático.

Tinha várias vidas, já. Ela, vinte anos.



Duas copas de morambeira balançam no vaivém dos amantes, resguardo e resplendor. Há milénios que as morambeiras de Alendabar dão o braço a camas de rede, guarida a barcos de pescador, além de tudo o que nelas pousa, mora, se come ou bebe. Delas vem a fruta que se mistura na cinza dos mortos. E algumas ainda se transformam em totens ou grandes canoas. Mais antigo, só o cacto da flor índigo, também impossível de avistar noutras areias, doutras paragens. Algo que Ossi, Ira e Aurora desconhecem porque jamais viram outras.

Este equinócio decidirá se viverão para ver, doze horas de luz desde a primeira. Não planearam passá-la assim, é a hora mais solta no plano que têm. Vão acelerar nas próximas, em contagem decrescente até anoitecer. Um encaixado no outro que encaixa no outro, o zumbido no céu não os detém.



Enquanto isso, nas pastagens do Rei, as reses sobressaltaram-se, com a antecipação auditiva de todo o bicho. Rara é a semana sem helicópteros aqui, e o coração delas continua a disparar por átrios e ventrículos, tão igual ao humano que o poderia substituir, só cinco vezes mais pesado. Se disparassem todas em debandada, num dia impossível, sem capatazes nem cercas, o chão tremeria por muitos quilómetros. São a infantaria avançada do abate, o grande exército dos involuntários.

E em breve os servos do Rei penetrarão horizontes limpos

de selva. Tão limpos como um sexo exposto, disposto para o espectador.



O Rei sabe que alguém se aproxima antes mesmo de qualquer bicho. Um sinal no bolso e já sai do palácio, examinando as alturas. O terraço dá acesso a uma pista de aterragem em pedra translúcida, garimpada na mina junto ao rio. Primeiro aperitivo para quem chega do céu.

— Bem-vindo — murmura o Rei, com a sua boca das cavernas: buracos negros, estalactites. Acaba de localizar o pontinho do helicóptero que traz o convidado.

Eis senão quando um choro irrompe do interior, e o Rei acode, correndo. É pai de um varão recém-nascido, um ser vivo realmente seu. Não conhecia esta felicidade. Esta nova ferocidade.

Por toda a Alendabar correm relatos sobre o bebê do Rei. Ele o toma nos braços a cada choro. Ele muda a fralda de algodão de mil fios, lavada na cascata que os mais-velhos dizem sagrada. Ele examina os excrementos, cor, consistência, seria capaz de os comer, será. Ele não foi dotado de fé mas quer os deuses aos pés do seu fruto. Este mundo e o outro existiram até hoje para o reconhecer.



Lá em cima, a dez mil pés, o convidado do Oriente exulta. Que cores, que águas, que transparência! Pequenas ilhas debruadas por corais com certeza ainda vivos: esmeraldas, cobaltos, fúcias, limas. Nenhum sinal de embranquecimento, de colapso, tanto quanto avista. E o helicóptero curva para a baía mais majestosa em que já pôs os olhos.

— Alendabar!!! — brada o piloto.

Ganha ao voo o que os servos lá embaixo não ganham ao ano. Acima de tudo, o Rei tem pânico de morrer, não se poupou até contratar o melhor piloto. Tão desafogado é o contrato que a propaganda lhe aflora à boca, espontânea:

— A história do mundo começou em Alendabar, contam os nativos!

O convidado está disposto a concordar, perante o que vê. Uma orla florejante bordejia o areal, extensíssimo. Num extremo da praia, a falésia negra, encostada a um vulcão. No outro, a foz de um rio incandescente, que ao subir alarga muito e tem uma ilha no meio. Para o interior, é a grande razia das pastagens, mas o litoral continua denso, intacto, tudo o que este oriental tem em mente.

Valeu a pena contornar o planeta, pensa. Nem muros nem mastins, a selva será a melhor guarnição.



Cá embaixo, entretanto, o rio incandescente luta pela vida. Cardumes de guelra aberta descem para o oceano, onde dragões-marinhos abraçam cotonetes, latas de refrigerante dão à luz crustáceos, amores loucos, mutantes, que não se veem de helicóptero, nem num fim de semana. Ninguém mede o veneno no rio desde que o Rei chegou, com os seus planos de gado e minério. O gado carecia de muita água. O minério, de um dique para os resíduos, que pouco depois rebentou. E os ribeirinhos viram o rio vir como nunca, numa enxurrada castanha. Sementeiras, animais, casas, levou tudo. Uma mais-velha entrou na corrente para agarrar um dos seus bichos. O neto, ainda criança, correu atrás mas foi engolido, depois sentiu uma pancada. Quando voltou a si tremia na lama, um vizinho conseguira puxá-lo para a margem.

No descer das águas acharam a avó, trespassada por um ferro. Fora ela a dar nome ao neto. Um nome de há muito, encurtado para o dia a dia:

Ira! O olho puxado dos antepassados, testemunha de quanto crime, objeto de quantos mais, macho à força primeiro, fêmea à força depois, nem uma nem outro, agora.



A demanda de servos é muita nas terras do Rei. Para não ficarem escancarados faz falta algum mato, mas também não podem ficar fora da vista. A insatisfação propaga-se, há que vigiar cada faísca, travar o contágio. Portanto, ao chegar a Alendabar, o Rei mandou construir o alojamento dos servos atrás do matadouro, local cem por cento opaco, não vá algum convidado sair da rota, achar-se onde não deve.

Nesse alojamento chegou a dormir, logo no começo, um pescador já pai de adultos, viúvo recasado com uma jovem. Mal ela engravidara, tinham-lhe falado daquele homem, conhecido como Rei, que andava a comprar as terras ali em volta, e a contratar gente. Seria um sustento mais certo do que o mar. O pescador foi lá, ficou, estreou o alojamento dos servos. Tamanha se revelou a armadilha que os filhos tentaram libertá-lo. O que aconteceu a seguir nunca se esclareceu. Vinda da cidade, a polícia declarou o Rei vítima de assalto, pai e filhos afogados. Polícia vem, polícia vai, Alendabar aprendeu a calar-se. E o último filho do pescador nasceu:

Ossi! Quem vive do mar conhece o fundo, corpo de faina e arpão, a Terra aguarda quem a circunde, além da foz, além do vulcão, humano algum o dobrará, é jura.



A geradora do varão do Rei foi escrutinada nas terras altas de Alendabar. Óvulos, trompas, útero, genes, tudo apurado, em privado, antes da inseminação. Os pais da donzela, devotos de um culto, deram graças pela ausência de trato sexual. Corre em Alendabar que o Rei é adverso, não se lhe conhecem relações. Ela ficaria santa, com o futuro assegurado, não fosse ter morrido no parto, de infecção. Só uma mão segurou a dela até ao fim:

Aurora! Crista, crina ruça, tez de leite, sardas, caçula de casarão, mãe matriarca, irmãos tão mais velhos, trânsfuga, saltimbanca, canta para adormecer.



— *Eu vi o céu em fogo / o sol era azul / e o mar vermelho* —  
as pálpebras de Aurora descem.

O sono que se segue ao grande curto-circuito (espasmos, taquicardia, hiperoxigenação, redução da atividade do córtex, estouro de neurotransmissores: orgasmo).

— Há mesmo um mar vermelho — diz Ira.

Ossi estende o braço por cima de ambos, aperta-os contra o corpo. Também está quase a adormecer (oxitocina, dopamina, tudo abranda, até as morambeiras).

— Sol azul, não sei — continua Ira. — Mas nas terras geladas é possível ver três sóis, como na viagem de Upa-la.

Silêncio. Ossi respira atrás dele, Aurora, à frente. Ira não desiste:

— A minha avó contava que Upa-la foi a primeira canoa. Certa noite, há milhares de anos, a tempestade derrubou uma morambeira. De manhã viram-na flutuar no rio, presa pela copa. Se a soltassem, iria veloz na corrente. Portanto, com ela viajariam velozes. Puxaram-na da água, tiraram-lhe a casca, escavaram o

tronco. Assim nasceu a primeira canoa, porque para tudo houve uma primeira vez. E deram-lhe esse nome, Upa-la.

Espreita para trás: Ossi dorme de boca aberta. Espreita para a frente: sob as pálpebras de Aurora acontecem coisas rápidas. E boas, porque ela sorri.

Ira espia o sol, semicerra os olhos. Daí a um minuto está a dormir.



Vinte servos aceleram no matadouro. O calor é inimigo da carne, tal como o sangue ou a faca mal afiada. Antes de o dia clarear, já todos os servos do Rei têm de estar comidos e bebidos, eufemismo para uma cabaça de farinha com água. Então, a radiosa estrela que a tudo dá vida desponta entre duas morambeiras, e cada um vai ao seu destino, mina, gado, selva.

A estes vinte calhou o abate das reses. Entre rampas e roldanas, ganchos e guinchos, não é raro esvaziarem intestinos com as mãos, pisarem descalços no fel. O acre do sangue entra-lhes na pele, no cabelo, por baixo das unhas. Patinha-se no sangue, respira-se sangue. O cheiro do sangue aterroriza as reses. Se não sabiam antes, sabem agora: vão morrer. Berram, esperneiam, são detidas à marretada.

Os matadouros oficiais usam pistola antes da degola, dardo direto ao cérebro. Caso falhe à primeira, vai-se furando até acertar. O objetivo é deixar a rês inanimada enquanto a acorrentam de cabeça para baixo, a faca corta a garganta e o sangue jorra. Está provado que o sofrimento prejudica o produto final, assim obtém-se melhor carne no prato e, de brinde, carimbo humanitário.

Entretanto, o Rei alimenta um universo paralelo, pelas tra-seiras. O seu método continua a ser a marreta no crânio, que

requer várias marretadas, quase sempre. Não só a rês chega semi-consciente à sangria, como de crânio semiesmigalhado.



Felix observa a vedação em busca de um ponto fraco, alguma abertura para a praia.

— Incrível como fecharam isto — diz Ursula, mãos na cintura.

— Tens a certeza que não é privado?

— Tenho. A praia é uma reserva natural. Mas tudo o que está à volta foi comprado por um tipo a quem chamam Rei, contaram os nossos amigos do carocha.

— Rei? — Felix caminha para a direita. — Rei de quê?

— Sei lá. Do gado, da madeira. Da barriga dele.

Ursula caminha em sentido contrário. Vê cactos gigantes através da vedação. Nunca esqueceu estes cactos. Segundo a história da criação de Alendabar, eram os primeiros cactos do mundo, mas ainda iam florir, contava o pai de Felix. Então isso aconteceu em algum momento desde que Ursula o conheceu nesta praia. E como floriram, pensa ela. Que azul magnético.

— Felix! — grita de repente.

Achou a abertura na vedação.





ONZE



Um flap de asas e acordam de novo. Passaram horas, séculos? Ira mede o sol: minutos. Ficam os três na rede a ver o leque-branco subir no ar, maior predador alado de Alendabar. Petiscou algum vizinho por ali, inseto, réptil, e agora plana, abrindo a cauda que lhe dá nome.

— Tenho fome! — corta Ossi, pulando da rede.

Colhe uma moramba e corre para o mar, nu, negro na areia branca. Seguindo-o, Aurora grita:

— Espera!

Ira cai de costas onde até agora eram três.

Não tinham combinado passar a noite aqui, apenas fumar um cachimbo, pedir a graça dos céus. Mas ao sair de casa Ossi metera a cama de rede ao ombro, caso lhe apetecesse não voltar. É uma caminhada desde a encosta do vulcão, onde mora. Muitas vezes ata a rede nestas duas morambeiras, à vista do barco de pesca, que era do pai. Se as morambas estão maduras, abre uma. Assim fez ontem enquanto esperava Ira e Aurora. A lua preparava o seu auge, o vermelho luzia no barquinho. Quando Ira e Auro-

ra chegaram, deitaram-se os três na rede, rodando o cachimbo, lua já para trás da duna. Quase podiam soprar as estrelas. E de manhã nenhum se espantou ao acordar ali nu, como se a rede fosse a cama natural do pacto, aquela que na primeira luz os despertaria, poro com poro, veia com veia, para enfim os encaixar. Cá estão, na manhã do equinócio. Onze horas de luz até ao poente.

Aurora corre pela beira-mar. De onde lhe vem tanta claridade? Pai escuro, mãe escura. Ira também saiu mais claro do que a mãe, mas pai não conheceu. Ossi é o mais negro dos três, de longe. Agarra Aurora ao colo, entra na água.

— Nããããão!

Ela grita, ri, cabelo a balançar. Com um golpe de anca ergue o tronco, monta Ossi, pernas laçando a cintura dele, e quando rebenta a onda submergem juntos.

Ira senta-se na rede, a vê-los. Sabe que se correr até lá voltarão a ser três. Nenhum deles quer ser dois com alguém. Pelo menos, não hoje. Não querem morrer, mas não têm medo de morrer, e ainda não têm vinte anos.



A hélice do helicóptero passa rente à falésia. Segundo aperitivo para quem vem dos céus: adrenalina.

— Dinossauros gigantes andaram por aqui há cem milhões de anos — aponta o piloto. — Há pegadas na rocha. Eram bípedes.

O convidado do Oriente tenta imaginar Alendabar há cem milhões de anos. Se a falésia já cá estava, o mar também estaria. Foi muito depois de o continente único se dividir em dois, logo após esses dois se subdividirem, abrindo espaço ao último oceano. Talvez com alguns dinossauros dentro de água, mais difícil dar um mergulho. Mas, claro, não havia humanos, então.

Uma última volta sobre o palácio do Rei, e o piloto poussa. A porta do helicóptero abre, o convidado aperta o casaco de linho, quase cega com o brilho da pista. Que pedra é esta? Curto e grosso, o anfitrião aguarda no terraço, alguns degraus acima, polegares enfiados no cinto, como se estivesse num filme.

Um labrego, pensa o recém-chegado.



Felix é o primeiro a transpor o buraco da vedação, rasgando um pouco mais a ganga pré-rasgada.

— Cuidado com esta ponta — diz à mãe, forçando o arame com a mão.

Ursula entrega-lhe o saco de praia com água, comida, toalhas. Sabe que será uma longa ida-e-volta, talvez o dia todo. Antes de passar a primeira perna para o lado de lá, segura contra o peito a bolsinha onde guarda as cinzas.

O filho enrola a juba e dá-lhe um nó, herança do pai, que nunca foi visto a usar pente ou escova. Já a altura é herança do pai e da mãe, mas apenas a mãe é esguia como ele. O pai só não chegava a ser um pançudo porque era todo grande, embaixo, em cima, além do cabelo. Ao longe metia medo, ao perto irradiava, olhos, dentes, gargalhada, braços de muito abraço, sempre a mexer no que se mexia, e no que não se mexia também.

Felix cresceu a achar que toda a gente queria viver com o pai, porque toda a gente não o largava. A verdade é que quase toda a gente estava um bocadinho apaixonada por ele. Alguns queriam ser filhos dele, outros irmãos, camaradas, melhores amigos, amantes, aprendizes. Toda a gente queria ser algo dele, porque ele fazia cada um sentir que era algo seu.

Só na escola Felix percebeu que todos os pais não eram assim. Por essa altura percebeu também que o seu pai era mais

velho do que os outros, embora não parecesse, porque não era careca como muitos pais novos. Até que um colega disse: o teu pai tem a idade do meu avô, deve estar quase a morrer! Felix tinha seis anos, e esse não foi um bom dia.



O convidado do Oriente responde pelo nome de Zu. Já trabalhou para um rei global, triliardário da tecnologia. Afastado por excesso de independência, leia-se insurgência, decidiu seguir por conta própria. Isso o pouparia também ao tédio das corporações.

Tédio pede novidade, e o tédio com dinheiro está disposto a pagá-la. Não foi difícil ao talento de Zu achar investidores para pequenas novidades. Mas, entretanto, o medo do colapso substituiu o tédio, tornando o futuro urgente. Zu lançou-se pois na mais ambiciosa das suas ideias: captar crânios para refúgios naturais onde o futuro possa ser resgatado, dando-lhes condições inéditas de pesquisa. Enquanto as corporações fogem para a frente ou para o espaço, fazer uma imersão radical em alguns pontos da Terra. Radical ao ponto de desligar os aplicativos dessas corporações que estão a converter o cérebro humano em papa. Em suma, um arquipélago de microrregiões libertadas. E a prazo implodir o sistema, gerador e gerente do colapso.

Alendabar oferecia orla continental, riqueza aquática, formações palozoicas junto a um vulcão quieto, nenhum furacão recente, nem falhas tectónicas. Motivos bastantes para voar meio planeta, até este terraço.

— Zu, encantado — cumprimenta ele, na língua atual de Alendabar, aperto firme, vénia.

Eis algo que o Rei não pode comprar: elegância. Línguas estrangeiras, sim, seria só desencantar os melhores, mais pacientes instrutores, santos, mesmo. Mas o Rei sabe que, ainda assim,

desistiria à primeira. Não consegue ficar sentado a olhar para um livro. Sentado, deitado ou em pé, tanto dá. Dá-lhe sono. Prefere gastar esse dinheiro em quem traduza, uma intérprete, espécie de sombra da sua sombra, de tão discreta.

Ele nunca a apresenta, nem se lembra do nome. Costuma dizer que os nomes são uma perda de tempo.



Cinzas contra o peito, Ursula passa a segunda perna pelo buraco da vedação. Felix descalça as sapatilhas, enfia-as no saco e sobe a duna a correr.

— UAU!!!

Só agora tem uma vista da baía, porque a vedação foi feita no sopé da duna, ocultando o horizonte. Quilómetros de areia, ao longo do mar e até chegar à água, lá ao fundo. Uma praia monumental encostada à selva.

Sapatilhas na mão, Ursula segue atrás dele. Mas de repente, quando alcança o cimo da duna, fica sem ar. Preparou-se tanto para isto e afinal não estava preparada. Há dezoito anos a sua vida mudou nesta praia. Um homem saiu da água e mudou tudo. Ursula não consegue olhar o filho. Se olhar, as lágrimas vão cair. Arregala os olhos, inspira, a ver se passa.

— Mãe?

As longas pestanas de Felix sobem, descem, enquanto ele espregueia a mãe, mas ela continua voltada para o mar. Felix entrelaça os dedos nos dela, volta-se para o mar também. Ursula cerra os dentes, aperta a mão do filho. Ficam os dois assim, em cima da duna. Imenso para a esquerda, imenso para a direita, imenso em frente. Nunca estiveram tão juntos, e tão sozinhos.



Ira corre para a rebentação, lança-se sobre Ossi, que está sobre Aurora, pernas, braços, gritos, risos. Voltam a ser três.

Não há derrota enquanto houver mar, pensa Ossi. Mesmo que o plano de hoje falhe, mesmo que morram antes do poente, não será o fim. Porque alguém virá no lugar deles.

— Alguém virá! — grita, de punho no ar.

— O quê?! — Aurora salta-lhe para os ombros, ele mergulha, ela solta-se, meio-mortal à retaguarda.

Mas não vão morrer, nem ser derrotados, decide Ossi, abrindo os olhos debaixo de água.

Mais difícil decidir a cor do mar aqui.

Ira diz que um dia achará a palavra para essa cor. Nasceu hipermétrope, desfoca a ver ao perto, mas gosta de palavras, guarda-as na cabeça, anota quando já são muitas. Costuma andar com um caderno na bolsa. A letra de Ossi é torta, Aurora nem tenta, Ira escreve pelos três, sempre ao ar livre, a interrogar o céu. Foi a avó quem o ensinou a fugir para cima, quem lhe mostrou que o céu, noite e dia, tem caminhos, tem os ancestrais lá, e o futuro também. Olhar para cima ajudou Ira a não querer morrer, salvou-o do que se passava cá embaixo. Agora, é como se estivesse imune, já ninguém lhe pode fazer mal, mesmo que morra. Portanto, está preparado para hoje.

E Aurora, entre os flocos de espuma que esvoaçam na areia, duas mãos no ar, duas mãos no chão, vira o mundo do avesso num flic-flac.



Muitos equinócios atrás, o futuro pai de Felix foi sozinho por este mar. Quando voltou, chovia tanto que ele mal conseguia abrir os olhos dentro da canoa. Tentara construí-la como a dos ancestrais de Alendabar. O casco escavado num tronco de mo-



rambeira, selado com resina. À esquerda, um pequeno flutuador de tiba, madeira mais leve. Atada entre o casco e o flutuador, a plataforma das provisões: água, carne fumada, frutos secos, farinha de tutum, essa raiz que vem do centro da terra para ser comida de mil maneiras. E erguida acima de tudo isto, tão firme quanto flexível, uma vela de jalurana, fibra com que até hoje se entrelaçam esteiras e cestos, se cobrem as casas. Ele mesmo escavou, esculpiu, entrelaçou, passou muito tempo a aprender com a gente de Alendabar, entre a foz e o vulcão, antes de se fazer às águas. Calculara que a viagem durasse um mês mas não resistiu a desembarcar em várias ilhas, e na volta apanhou já a estação das chuvas.

Tinha então cinquenta anos. Trinta como arqueoastrónomo. Estudava a relação dos antigos com o céu a partir do que sobrevive em terra. Incluindo, nesta parte do mundo, testar ele próprio rotas, técnicas, constelações, os cantos de navegação passados em segredo, quando conduzir uma canoa era o ofício mais prestigiado, e os mares eram mapeados com grelhas de pauzinhos, conchas no lugar das ilhas. Andava a preparar uma série de cartas terrestres-celestes, um compêndio dessa relação nos últimos cinco mil anos, desde os primeiros templos alinhados com sol e lua, erguidos a todo o custo humano, do alto das cordilheiras aos desertos, das selvas à ilha brumosa em que lhe calhara a ele nascer. Difícil não ler uma predestinação no seu nome. Muita gente pensava que nem era o de nascença, tão bem assentava. Mas era mesmo, e isso devia-se a ter sido dado por dois nómadas, dissidentes antinacionalistas: seu pai e sua mãe. Queriam um nome universal, escolheram Atlas.

Exausto da odisseia, enredado na corrente, Atlas demorou a pisar a areia de Alendabar. O seu regresso, mal a canoa ficou à vista da praia, alvoroçou as crianças, que lhe chamavam Gigante porque era o homem maior que conheciam. O mar não

tinha comido o Gigante! O Gigante estava a voltar! A chuva já abrandara. Entre a gente que acorreu, havia um casal da cidade que se fizera à estrada num carocha, não prevendo o dilúvio. Vinham mostrar a praia a uma estudante estrangeira, filha de velhos amigos.

Foi assim que Atlas viu Ursula, e Ursula viu Atlas, pela primeira vez.



— Então Upa-la fez várias viagens — diz Ira, retomando a história da primeira canoa.

Os três brilham, deitados na areia molhada, cobertos de gotas, pés na rebentação. Daqui a nada o sol vai ficar quente demais para isto.

— No começo eram viagens curtas — prossegue ele. — Aprendiam a orientar-se pelas estrelas, pela direção dos pássaros, pela cor da água, a forma das nuvens...

— O vento — diz Ossi.

— E o vento nas nuvens deu-lhes a ideia de uma vela, para irem mais rápido — continua Ira.

— Tinham panos? — pergunta Aurora. — Como faziam a vela?

— Com fibra de jalurana.

— Ah! Então posso fazer uma! — alegre-se ela. — Já fiz cestos, esteiras...

Espreguiça-se, esticando os longos braços para trás, até à ponta dos dedos, tronco a esquentar (pequenos mamilos rosados, baixo-relevo da barriga, nó do umbigo). E de repente dá um grito porque bateu em algo duro.

Os três voltam a cabeça: uma carapaça a espreitar da areia. Todos os anos, no auge do calor, milhares de tartarugas-rosa de-

saguam em Alendabar para a desova. Mas, nos últimos anos, muitas têm morrido, e as carapaças vão ficando semicobertas pelo vento. Há tartarugas-do-mar pretas, verdes, amarelas, castanhas, quase vermelhas. O rosa destas nunca foi avistado fora daqui.

Ossi deita de novo a cabeça, fecha os olhos.

— E depois de fazerem a vela? — pergunta.

— Quando já se sentiam fortes, preparados, partiram numa longa viagem — conta Ira. — A colheita tinha sido má, precisavam de comida. E o interior estava cheio de inimigos, restava o mar. Também queriam ver onde todo este mar ia dar, porque isto foi há milhares de anos, não sabiam das outras pessoas do mundo. Navegaram meses, levando o que podiam, incluindo animais.

— Vivos? — pergunta Aurora.

— Até serem cozinhados.

— Na canoa?! — ela arregala os olhos.

— Sim, faziam um fogo na plataforma da bagagem. Podiam salgar a carne, fumá-la...

— E quando chovia? — continua ela. — Antigamente não chovia muito?

— Muito mais — responde Ossi. — Olha agora: estamos à espera que chova desde a lua passada.

— Ontem choveu — diz Aurora.

— Ontem choveu dez minutos — diz Ossi. — Deu para encher os buracos da estrada. Deve ter sido encomenda do Rei, a ver se ninguém vem aqui meter o nariz.

— Hoje é bom que ninguém venha, mesmo — Ira põe-se em pé num pulo. — E por falar nisso, vamos rever o plano à sombra?

Aurora está a ficar vermelha.



— Pronta? — pergunta Felix.

— Pronta — diz Ursula.

Mãos apertadas, mãe e filho desatam a correr duna abaixo, um calcanhar afundando na areia, o outro no ar.

— Ahhhhhhhhh! — grita Felix. — Nunca vi areia tão fina! Parece farinha!

— E dunas tão altas? — grita Ursula.

— Só daquela vez no deserto.

— Mas aí íamos de camelo.

— Pois era... Uuuuuuuuuu!

Felix quase cai, arrastando Ursula. Depois tropeçam os dois numa raiz, rebolam à gargalhada.

As cinzas estão numa caixinha, embrulhada no lenço favorito de Atlas, tudo dentro da bolsa a tiracolo. Mas Ursula continua a segurá-la contra o peito, só a larga para sacudir a areia do cabelo, negro, liso até à cintura. Primeira coisa que Atlas viu nela ao sair da canoa e por segundos suspendeu toda a exaustão: de onde aparecera aquela espécie de índia, alta como um totem?

Ursula entrança o cabelo, arregaça a bainha das calças.

— É melhor irmos junto à água, na areia dura — diz a Felix.

Ele tira calças, camisa, fica em fato de banho, penugem loira nas pernas, corpo branco, branquíssimo.

— Assim vais queimar, vai de camisa — diz ela.

— Mas não vamos nadar primeiro? Já viste este mar?

Ursula sorri:

— Ainda nem chegaste perto.

— Não queres mergulhar?

— Já vemos.

Felix agarra o saco de praia, corre na direção da água, rodando o corpo pelo caminho, para abarcar tudo em volta.

— Olha aquelas árvores! — grita, já longe, apontando o começo da selva.

Ursula volta a cabeça, vê as morambeiras. No instante seguinte tem os olhos cheios de água. Tapa a boca com força, mas desta vez não consegue. Cai de joelhos na areia.

Há dezoito anos, quando Atlas saiu da canoa a escorrer água, a gente de Alendabar ajudou-o a vir até estas copas, para que se recuperasse abrigado. Os homens deram-lhe de beber, as mulheres esfregaram-no com uma pasta, as crianças brincaram com o que sobrava, as orelhas, o cabelo, os pés enrugados. Ele ria e chorava, ainda incapaz de falar, boca rebentada do sol, do sal, os dentes brancos na cara queimada, um olhar azulíssimo que parecia ter visto tudo, e querer ver mais. Ursula estava hipnotizada, pelo olhar, pela cena, um pouco atrás da multidão, embora os amigos do carocha já a esperassem no cimo da duna. Ao fim de algum tempo, quando conseguiu cumprimentar um por um, Atlas perguntou-lhe quem era ela. Tentou uma língua, depois outra. Tinham uma em comum. Ursula disse só que era estudante, nem de onde, nem do quê, tão muda estava. Via um homem que era amado e atravessara o mar sozinho. Ela não queria ir embora, queria conhecer aquele homem. E como se adivinhasse, ou talvez visse, Atlas disse que a podiam alojar, perguntou-lhe se queria ficar para o dia seguinte. Coração desembestado, Ursula ouviu a própria voz dizer, sim, quero.

Química, alquímica. Na língua antiga de Alendabar isso tem um nome, até hoje usado, dalu damu-rai. Algo como: tu para mim.